

Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] : entendendo as necessidades da sociedade / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências Sociais Aplicadas. Entendendo as Necessidades da Sociedade; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-423-8 DOI 10.22533/at.ed.238192506 1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Entendo as Necessidades da Sociedade”, apresentam-se artigos e pesquisas que mantêm relação com demandas da sociedade contemporânea, a partir de estudos realizados nas diferentes regiões do Brasil, representando a diversidade territorial, bem como, as singularidades e elementos que as conectam.

Apresentam-se ainda, três artigos em espanhol, sendo estes de cursos de graduação e pós graduação do Uruguai, México e Espanha e um em inglês do programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Tais artigos mostram-se pertinentes e contribuem para as discussões e análises que são apresentadas aos leitores a partir do campo das Ciências Sociais Aplicadas.

São ao todo cinquenta artigos divididos em dois volumes. Os artigos foram organizados em seis seções, conforme segue: **Tecnologia e Comunicação**, sendo esta a primeira seção, em que são abordadas as relações existentes entre a tecnologia e a comunicação com os processos de trabalho, políticas públicas, inovação nos processos de gestão e de conhecimento; O **Comportamento Organizacional**, título que nomeia a segunda seção, apresenta-se de maneira expressiva nos artigos que também tematizam os processos decisórios e de gestão de conhecimento no setor empresarial, com valorização do capital humano e da função social das empresas; **Cidadania e Políticas Públicas**, aborda pesquisas realizadas entorno das políticas de saúde, de atendimento às crianças e adolescentes, da educação, da questão agrária, da segurança pública e das políticas tributárias na lógica de cidadania e garantia de direitos; **Estado e Sociedade**, aborda as relações estabelecidas entre estes, apontando para a importância e impacto dos movimentos sociais para a definição de pautas que contemplem os diferentes interesses existentes na sociedade de classes; *Os artigos que compõem a seção Trabalho e Relações Sociais* debatem o grau de satisfação de acesso ao trabalho em um contexto de terceirização e precarização das relações estabelecidas através deste e por fim, em **Estudos Epistemológicos** apresentam-se dois artigos que analisam perspectivas diferentes do processo de construção do conhecimento.

Os artigos apresentam pesquisas de envergadura teórica, as seções mantêm articulação entre si e contribuem para a divulgação e visibilidade de estudos e pesquisas voltadas para as necessidades e desafios postos para vida em sociedade no atual contexto social, econômico e político.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DA DIGITALIZAÇÃO NA SEGURANÇA E SALVAGUARDA DE ACERVOS RAROS	
Alissa Esperon Vian	
Mariana Briese	
Marcia Carvalho Rodrigues	
Heytor Diniz Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.2381925061	
CAPÍTULO 2	17
A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO TRABALHO DOS MOTORISTAS DO APLICATIVO UBER	
Fábio Cannas	
DOI 10.22533/at.ed.2381925062	
CAPÍTULO 3	27
A INTEGRAÇÃO ENTRE A LOGÍSTICA E O MARKETING OBJETIVANDO AGREGAR VALOR PARA O NÍVEL DE SERVIÇO AO CLIENTE	
Carmelinda Parizzi	
DOI 10.22533/at.ed.2381925063	
CAPÍTULO 4	39
AERO REPORTAGEM O DIA A DIA DO REPÓRTER AÉREO	
Rogerio Botelho Parra	
DOI 10.22533/at.ed.2381925064	
CAPÍTULO 5	51
ANÁLISE DE IMAGENS DAS REDES SOCIAIS: A MEDIAÇÃO DO SIGNO VISUAL NA PRODUÇÃO DA IDENTIDADE	
Fernanda Pimentel Faria de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.2381925065	
CAPÍTULO 6	66
COMUNICAÇÃO, CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO NO SETOR PÚBLICO DE SAÚDE: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Valéria Khristina Fregadolli Ferreira	
Juliana De Conto	
DOI 10.22533/at.ed.2381925066	
CAPÍTULO 7	78
CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE UMA IMAGEM CORPORATIVA POSITIVA: ANÁLISE DO EDITORIAL DA REVISTA GOL	
Daniel Lyra Pinto de Queiroz	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2381925067	
CAPÍTULO 8	90
ELABORAÇÃO DE SOFTWARE PARA AUXILIAR ESTUDANTES PARA ESTUDO - STUDYION	
Gustavo Andrioli	
Ana Carolina de Luca	
DOI 10.22533/at.ed.2381925068	

CAPÍTULO 9	98
EL ANÁLISIS DE REDES SOCIALES COMO UNA POSIBLE HERRAMIENTA TEÓRICA Y METODOLÓGICA PARA EL ESTUDIO DEL COMPORTAMIENTO ORGANIZACIONAL	
Rebeca Teja Gutiérrez	
Adrian Trueba Espinosa	
Nidia López Lira	
Rosa María Rodríguez Aguilar	
DOI 10.22533/at.ed.2381925069	
CAPÍTULO 10	111
ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO DO CAPITAL HUMANO DE UMA EMPRESA FAMILIAR DO SETOR ALIMENTÍCIO DO OESTE DE SANTA CATARINA	
Odenir Giaretta	
Elizângela Mara Carvalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.23819250610	
CAPÍTULO 11	125
FATORES DETERMINANTES DA TOLERÂNCIA AO RISCO E O PROCESSO DECISÓRIO NAS ORGANIZAÇÕES: ELABORAÇÃO DE UM ROTEIRO DE ENTREVISTAS	
Rafaela Rodrigues da Silva	
Mariana Câmara Gomes e Silva	
Liana Holanda Nepomuceno Nobre	
DOI 10.22533/at.ed.23819250611	
CAPÍTULO 12	128
GESTÃO DO CONHECIMENTO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO NUMA INDÚSTRIA CERÂMICA BRASILEIRA NO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA	
Jaqueline Bitencourt Lopes	
Cristina Keiko Yamaguchi	
DOI 10.22533/at.ed.23819250612	
CAPÍTULO 13	141
INFLUÊNCIA DAS PROMOÇÕES DE DESCONTO NO VOLUME DE VENDAS DE UM SUPERMERCADO DE FRANCISCO BELTRÃO - PR	
Andrius Ivo Scalabrin	
DOI 10.22533/at.ed.23819250613	
CAPÍTULO 14	156
INFLUÊNCIA DO MARKETING DIRETO NA GERAÇÃO DE RESULTADOS DA COOPERATIVA SICREDI FRONTEIRAS PR/SC/SP	
Andreza Piton Farina	
Josiane Bombardelli	
DOI 10.22533/at.ed.23819250614	
CAPÍTULO 15	171
LIDERANÇA: QUAL O SEU PAPEL DENTRO DA ORGANIZAÇÃO	
Marinez Cristina Vitoreli	
Débora Scardine da Silva Pistori	
Francine Negrão Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23819250615	

CAPÍTULO 16	181
O DISCURSO DA RESPONSABILIDADE CORPORATIVA COMO FORMADOR DE UMA IMAGEM EMPRESARIAL POSITIVA PARA O GRUPO JERÓNIMO MARTINS	
Marta Cardoso de Andrade Hélder Uzêda Castro	
DOI 10.22533/at.ed.23819250616	
CAPÍTULO 17	194
O PROCESSO DE FUSÃO ENTRE ORGANIZAÇÕES: RAZÕES ESTRATÉGICAS	
Alan Rodrigues Renata Galdino de Souza Isaac Antônio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.23819250617	
CAPÍTULO 18	216
PERFIL E MOTIVAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA DE GESTÃO E NEGÓCIOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS	
Higor Caixeta Batista Tereza Cristina Pinheiro de Lima Oliveira Renato Mendes Silva	
DOI 10.22533/at.ed.23819250618	
CAPÍTULO 19	229
PRINCÍPIO DA FUNÇÃO SOCIAL DA EMPRESA E A ATUAÇÃO ESTATAL	
Alana Beatriz Silva Costa Priscila Francisco Silva Rodrigo Resplande Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.23819250619	
CAPÍTULO 20	237
ECONOMIA COMPORTAMENTAL: ASPECTOS SINGULARES DOS AGENTES NA TOMADA DE DECISÃO	
Michele Lins Aracaty e Silva Cleyce Vieira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.23819250620	
CAPÍTULO 21	248
ANÁLISE DO IMPACTO SOCIOECONÔMICO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA-TO	
Leandro Barros de Moura Edelvar Vicente Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.23819250621	
CAPÍTULO 22	258
CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO	
Luis Roberto Ramos de Sá Filho Nilo Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.23819250622	

CAPÍTULO 23	266
ENCONTRO COM O REAL: CRIANÇAS REVELAM A RELAÇÃO VERDADEIRA COM O AMIGO AUTISTA	
Igor Lucas Ries	
DOI 10.22533/at.ed.23819250623	
CAPÍTULO 24	273
O BRINCAR NA INFÂNCIA: O CENÁRIO DA CULTURA LÚDICA	
Suélen Normando da Silva Vasconcelos	
Sangelita Miranda Franco Mariano	
Renato Silva Vasconcelos	
Flávia Gabriella Franco Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.23819250624	
CAPÍTULO 25	288
LA EVALUACIÓN DEL ACOGIMIENTO RESIDENCIAL DE MENORES DESDE LA PERSPECTIVA DEL TRABAJO SOCIAL: ANÁLISIS DE LAS VIVENCIAS SUBJETIVAS DE LOS USUARIOS DEL SERVICIO A TRAVÉS DE METODOLOGÍAS NARRATIVAS	
Edurne González Goya	
Mabel Segú Odriozola	
DOI 10.22533/at.ed.23819250625	
CAPÍTULO 26	295
INVESTIGAÇÃO SOBRE A NATUREZA JURÍDICA DO TRANSPORTE DE PASSAGEIROS – UBER- E A CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO DIREITO ADMINISTRATIVO BRASILEIRO	
Candida Joelma Leopoldino	
Eduardo Stachera	
DOI 10.22533/at.ed.23819250626	
SOBRE A ORGANIZADORA	309

A CONTRIBUIÇÃO DA DIGITALIZAÇÃO NA SEGURANÇA E SALVAGUARDA DE ACERVOS RAROS

Alissa Esperon Vian

Universidade Federal do Rio Grande - FURG,
Instituto de Ciências Humanas e da Informação -
ICHI, Curso de Bacharelado em Biblioteconomia
Rio Grande – RS

Mariana Briese

Universidade Federal do Rio Grande - FURG,
Instituto de Ciências Humanas e da Informação -
ICHI, Curso de Bacharelado em Biblioteconomia
Rio Grande – RS

Marcia Carvalho Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande - FURG,
Instituto de Ciências Humanas e da Informação -
ICHI, Curso de Bacharelado em Biblioteconomia
Rio Grande – RS

Heytor Diniz Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande - FURG,
Instituto de Ciências Humanas e da Informação -
ICHI, Curso de Bacharelado em Biblioteconomia
Rio Grande - RS

RESUMO: Discute a importância da digitalização para a preservação dos acervos raros de bibliotecas. Por meio de revisão de literatura, empreende análise sobre os aspectos técnicos relativos ao processo de digitalização de obras raras, enfatizando, especialmente, as “Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais” (2015), da IFLA. Aponta a necessidade de fomento à

digitalização de materiais raros, demonstrando a sua importância no âmbito da preservação de acervos e da disseminação e acesso à informação.

PALAVRAS-CHAVE: Acervos raros. Patrimônio bibliográfico. Digitalização. Preservação de acervos.

ABSTRACT: Discusses the importance of digitization for the preservation of rare collections from libraries. Through a literature review, it undertakes an analysis of the technical aspects related to the process of digitalizing rare collections, emphasizing, in particular, the “ Guidelines for planning the digitalization of rare book and manuscript collections” (2015), from IFLA. Points out the need to encourage the digitization of rare materials, demonstrating their importance in the area of preservation of collections and dissemination and access to information.

KEYWORDS: Rare collections. Bibliographic heritage. Digitization. Preservation of collections.

1 | INTRODUÇÃO

O progresso da tecnologia, em seus diversos formatos e representada por diferentes suportes, viabilizou a expansão da produção de informações, promovendo a criação de bases

de dados de acesso *on-line* e a formação de redes de comunicação de dados. A recuperação da informação tornou-se mais rápida através dessas redes, possibilitando o acesso simultâneo de vários consulentes, em nível mundial, a um mesmo recurso informacional.

Assim como a informatização das bibliotecas e centros de informação ampliou o desenvolvimento de recursos para acesso aos seus acervos, a digitalização gerou novos formatos, os quais, atualmente, vêm sendo utilizados tanto pelos gerenciadores destas instituições no tratamento e recuperação da informação, quanto pelos seus clientes para a sua obtenção.

Esse avanço tecnológico criou a possibilidade da construção de diversos modelos de redes, de diferentes tipos e padrões. Redes confiáveis e de rápida funcionalidade na recuperação de dados, as quais permitem o compartilhamento de metadados através de provedores de serviço que levam a informação até o cliente, ampliando sua busca e permitindo um acesso único ao sistema, integrando as coleções das instituições com outros tipos de recursos de informação.

Neste sentido, é dever das instituições assegurar que as bibliotecas cumpram o compromisso de ofertar materiais diversificados e permitam acesso a esses itens, preferencialmente, conectados à rede, para que sejam disponibilizados em âmbito global.

O acervo raro de uma instituição apresenta alto valor histórico e cultural e, por vezes, inclui materiais valiosos e difíceis de serem encontrados no mercado, o que explica o fato de muitas destas obras terem acesso restrito, não podendo ser disponibilizadas ao público. Esta situação torna a digitalização do acervo algo imprescindível para a disseminação do seu conteúdo.

Digitalizar obras raras é uma forma de preservá-las ao longo do tempo, diminuindo o seu manuseio. Simultaneamente, disseminando seu conteúdo *on-line*, facilitando o acesso a pesquisadores e demais interessados, colaborando na conservação do exemplar original da obra.

Assim, este trabalho pretende discutir a importância da digitalização para a preservação de relevante parcela da memória coletiva e do patrimônio cultural da humanidade: os acervos raros depositados nas bibliotecas. Para tanto, por meio de revisão de literatura, empreende análise sobre os aspectos técnicos relativos ao processo de digitalização de obras raras. Discute, também, a necessidade de fomento à preservação de materiais raros, apontando fatores importantes para a sua conservação, demonstrando a importância da digitalização e o quanto se pode ganhar em termos de durabilidade de uma obra rara, além da disseminação e acesso à informação, elementos fundamentais do trabalho biblioteconômico.

2 | SOBRE OBRAS RARAS

Quando se fala sobre acervos raros, algumas questões relacionadas costumam vir à tona, como a própria definição do que é raro.

Livros representam a materialização da cultura e do conhecimento humano. Intrinsecamente, carregam, também, uma carga simbólica. Consequentemente, assumem características que vão além da sua finalidade inicial – a de servir de suporte às ideias, passando a simbolizar o conhecimento em si, sendo objetos de *status* e poder, agregando características que os tornam, também, objetos de apreciação e de desejo.

Colecionadores de livros raros escolhem suas obras em função, principalmente, das características apresentadas pelo livro enquanto objeto: belas encadernações, obras contendo preciosas gravuras, exemplares que possuem anotações manuscritas de pessoas de destaque na vida pública ou em determinada área do conhecimento, tiragens limitadas confeccionadas com materiais especiais, etc.

Assim, percebe-se que os livros raros são carregados de significado, ou seja, apresentam características que os elevam à categoria de símbolos, sejam estes de poder, de *status*, de riqueza ou de superioridade, deslocando-se do universo dos “livros comuns” para o universo das “raridades bibliográficas”.

Em uma biblioteca, os elementos que determinam a raridade de uma obra não são muito diferentes daqueles utilizados pelos colecionadores. Em geral, baseiam-se no princípio da excepcionalidade: exemplares incomuns, por determinada razão, saem do universo das coleções gerais e passam a compor coleções especiais e de obras raras.

Um livro pode se tornar valioso por seu conteúdo – por exemplo: os primeiros relatos de invenções e descobertas científicas (cânones), as primeiras edições de importantes obras literárias ou históricas (clássicos); ou por suas características físicas, como por exemplo: encadernações luxuosas contendo ouro e pedras preciosas, exemplares contendo anotações manuscritas de uma pessoa ilustre, livro cujas ilustrações dão uma nova interpretação de um texto ou da obra de um artista de renome.

Pode-se dizer, também, que a raridade está direta e intimamente ligada à escassez da obra. Assim, uma obra se torna uma raridade quando a sua procura excede a oferta, tornando-se difícil de ser encontrada devido a uma série de fatores que, isolados ou combinados entre si, determinam a sua importância dentro do universo bibliográfico. Um exemplar único possui atributos que o tornam insubstituível, o que acaba incidindo diretamente na relação oferta-procura, ampliando o seu valor de mercado.

Em geral, curadores de acervos, colecionadores de obras raras e livreiros antiquários fazem uso de metodologias próprias, baseadas em uma série de aspectos relacionados à obra, que norteiam seu trabalho de identificação de raridades. A partir da metodologia, elaboram uma listagem de critérios de raridade bibliográfica.

Entre os termos usualmente utilizados pelos livreiros antiquários para valorizar as

obras que são postas à venda, estão expressões como “raro”, “extremamente raro” ou “raríssimo”. Por meio da consulta a determinados catálogos comentados do mercado especializado, é possível saber o valor de uma obra específica.

Em “O bibliófilo aprendiz”, Rubens Borba de Moraes (2005, p. 83) observa que

Nem todos os exemplares de uma obra rara valem o mesmo preço. O valor de um livro antigo depende do estado em que se encontra, da encadernação que o veste ou de alguma particularidade que o exemplar apresenta [...] se o exemplar está, como é comum no Brasil, verdadeiramente rendado de furos, então não é digno de um bibliófilo, nada vale para um colecionador.

Em consonância, Cordeiro (1978 apud SANT’ANA, 2001, p. 3) salienta que para um colecionador o valor de uma obra está diretamente relacionado ao interesse que ela desperta:

Na opinião autorizada dos bibliófilos, os elementos que fazem com que livros possam se tornar raros são o assunto da obra, a tiragem dela e a procura dos leitores. Livros antigos não são necessariamente raros. Obras sobre teologia publicadas no século XVI, por exemplo, são pouco procuradas e por isso baratas.

Há, no entanto, critérios de raridade consagrados, universalmente aceitos, como é o caso dos manuscritos e dos incunábulos.

Ainda a respeito dos critérios de raridade bibliográfica, Teixeira, Garcia e Rodrigues (2018, p. 137) esclarecem que

Existem diferentes interpretações sobre raridade bibliográfica. Para o mercado livreiro antiquário, por exemplo, a importância do livro está no próprio objeto e suas especificidades: o livro é visto como artefato. O valor de mercado se sobressai em relação aos demais critérios. Dessa forma, quanto menos exemplares existirem, mais valioso será o livro. Outro fator que influencia o encarecimento de um livro raro é a procura pelo item. Igualmente, o estado de conservação é determinante para valorizar um exemplar. A raridade, então, não se aplica à obra como um todo, mas a determinado(s) exemplar(es).

Diferentemente, para as bibliotecas, os aspectos histórico e cultural do livro importam mais do que seu valor de mercado, e o estado de conservação, apesar de importante, não é determinante para qualificar um exemplar como raro. A relevância da definição e tratamento das obras raras, nesse caso, tem o sentido de conservação do patrimônio cultural e histórico, por isso o critério de antiguidade acaba sendo um dos mais utilizados.

Silva e Lane (1990 apud FROES, 1995, p. 33) corroboram, destacando que

A raridade não é um termo absoluto, invariável e de grau constante, devendo ser relativo aos países e regiões. [...] Alguns critérios são indiscutíveis: os incunábulos, as edições *princeps* dos clássicos, a primeira produção tipográfica de uma determinada área geográfica e obras com tiragens reduzidas. Outros critérios passam pelo crivo de pontos de vista diferentes: livros com particularidade que se distinguem de outras edições, obras destruídas das quais só restam poucos exemplares.

Para Leoni (1960), os livros se dividem em: a) livros raros pelo conteúdo: língua, assunto e circunstâncias especiais; b) livros raros pela edição: devido ao tempo (incunábulos e edições *princeps*), ao lugar (do ponto de vista geográfico ou pela tipografia), e a quantidade (tiragem reduzida ou circunstâncias imprevisíveis).

Percebe-se que há uma série de fatores envolvidos na determinação de raridade de uma obra. Na maioria das vezes, apenas a antiguidade não é suficiente para atestar a sua raridade - a não ser que se trate de um exemplar reconhecidamente raro, como um incunábulo. Pinheiro (1989, p.21) confirma, observando que

A determinação de critérios para enfoque da raridade bibliográfica das bibliotecas brasileiras implica na abordagem do caráter bibliológico das obras e na ênfase de influência social, econômico e cultural sofrida por todas as autoridades que contribuíram na elaboração física e intelectual de uma obra.

No Brasil, os critérios de raridade adotados pela Biblioteca Nacional (BN) servem como fonte de consulta inicial para a maioria das bibliotecas brasileiras que possuem coleções de obras raras. No entanto, cada instituição deve desenvolver uma política própria de desenvolvimento deste tipo de coleção, elaborando os seus próprios critérios para a definição do que deverá ser considerado raro ou especial, levando em consideração os elementos históricos, literários e culturais que se pretende abranger. (PINHEIRO, 1989; SANT'ANA, 2001; RODRIGUES, 2006).

Cabe uma elucidação aqui, no sentido de esclarecer o uso da expressão “obra rara”. Apesar de, na literatura, em geral, “obrarara” estar se referindo à tipologia documental “livro”, essa não é uma regra absoluta. Outros materiais poderão compor o acervo raro de uma biblioteca, como mapas, publicações seriadas, manuscritos e partituras musicais, por exemplo.

3 | DIGITALIZAÇÃO DE OBRAS RARAS

Digitalização, segundo Cunha e Cavalcante (2008, p. 125), é definida como:

[...] 1. Processo de codificação ou conversão de informações analógicas em informações digitais. [...] 2. Processo de captação, armazenamento, manipulação, transmissão, e recuperação de imagens em formato digital, por meio de escâner. Aí se incluem textos, fotografias, vídeos, mapas e outros tipos de documentos; escaneamento; numerização. [...]

Para o Conselho Nacional de Arquivos (2010, p. 5), digitalização é

[...] um processo de conversão dos documentos arquivísticos em formato digital, que consiste em unidades de dados binários, denominadas de bits - que são 0 (zero) e 1 (um), agrupadas em conjuntos de 8 bits (*binary digit*) formando um *byte*, e com os quais os computadores criam, recebem, processam, transmitem e armazenam dados.

Apesar da segunda definição referir-se a documentos arquivísticos, especificamente, podemos ampliar o seu escopo, estendendo-a aos materiais de biblioteca. Ambas as definições, no entanto, são bastante claras ao estabelecer que a digitalização é um processo de conversão de um documento em formato analógico para o formato digital (dando origem a um documento digital), fazendo uso, para tanto, de um dispositivo apropriado, como um escâner, por exemplo.

Hoje em dia, no ambiente das bibliotecas, a digitalização de documentos se

tornou algo tão corriqueiro quanto a realização de fotocópias. Para obter uma cópia digital de uma página de um livro ou de trechos de uma obra, basta dispor de um aparelho celular. Há, inclusive, uma série de aplicativos disponíveis no mercado para facilitar este serviço, vários deles gratuitos.

No entanto, a digitalização de acervos raros envolve uma série de cuidados específicos. Os exemplares candidatos à digitalização encontram-se, muitas vezes, fragilizados, apresentam danos ocasionados pelo uso recorrente e pela ação do tempo, e o manuseio inadequado ou a sua exposição a um ambiente desfavorável poderiam comprometer ainda mais a sua integridade física.

Nesse sentido, em 2015, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (*International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA*) publicou o documento intitulado “Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais”.

As Diretrizes, elaboradas pela Seção de Livros Raros e Coleções Especiais da IFLA, visam a orientar os profissionais envolvidos com a digitalização de coleções, em todas as etapas do processo.

Até a publicação das Diretrizes, cada instituição realizava a digitalização de seus materiais de acordo com as suas próprias políticas, buscando orientação com profissionais mais experientes, ou com a empresa terceirizada contratada para realizar o serviço, a qual, nem sempre exercia o trabalho mantendo os cuidados exigidos pela coleção.

Para a realização do processo de digitalização de materiais raros e especiais, é necessário planejamento, a fim de que tudo saia de acordo com o as recomendações. O projeto deverá incluir os gestores da instituição, bibliotecários e técnicos envolvidos, de maneira que todos juntos deem suporte ao processo.

Interessante ressaltar que as Diretrizes também trazem os valores, princípios gerais e os resultados desejáveis que devem servir para orientar a tomada de decisão em relação ao projeto de digitalização:

- Manter e defender a obrigação da biblioteca de preservar e fornecer acesso aos materiais originais.
- Proporcionar o acesso livre e global aos recursos de investigação, e, quando possível, fornecer aos usuários a capacidade de *download* para objetos e coleções digitalizados.
- Ser sensível às necessidades dos estudiosos; incentivar o diálogo com acadêmicos e usuários; convidá-los à participação no processo de planejamento.
- Esforçar-se para a obtenção de resultados alcançáveis, acesso aberto, melhoria da preservação e do valor adicionado às coleções, quando possível.
- Construção baseadas na evolução das melhores práticas e de projetos bem-sucedidos; ter controle de qualidade em todas as fases do projeto, desde o planejamento inicial até à avaliação final.

- Preservar tanto a estrutura quanto o contexto do original do documento cuja cópia foi digitalizada, e manter a longevidade de um *link* de recuperação para o registro do catálogo.
- Administrar pedidos sob demanda de forma que contribua para o crescente corpo de coleções digitalizadas acessíveis.
- Elaborar projetos para alavancar a digitalização e fornecimento de acesso a coleções que estiveram escondidas no passado.(IFLA, 2015, p. 6)

Além disso, a preocupação com a manutenção dos arquivos gerados pelo processo de digitalização deve prever a sustentabilidade da coleção digital, de maneira que os arquivos gerados sejam passíveis de adaptação às mudanças constantes da tecnologia, mantendo o seu valor para pesquisas futuras. A esse respeito, as Diretrizes orientam que os parâmetros gerais de qualidade deverão incluir: “[...] imagens de alta qualidade óptica, integralidade e confiabilidade dos metadados (incluindo *links*), a fidelidade ao original, e facilidade de uso”. (IFLA, 2015, p. 9).

Greenhalgh (2011), no entanto, atenta para o fato de que existem fatores contrários à preservação da memória em formato digital que devem ser analisados, como, por exemplo, a fragilidade dos livros raros, o custo para implantação e manutenção da digitalização, a necessidade de capacitação dos funcionários, a qualidade da tecnologia empregada e a evolução da mesma, além das possíveis implicações legais que possam cercear o processo de digitalização das obras.

Quando pensamos sobre a escolha do material a ser digitalizado, estes e outros pontos devem ser levantados. Deverá haver a preocupação com as características físicas do material e de que forma elas poderão influenciar o trabalho de digitalização. Deve-se perguntar os motivos que levaram à escolha daquela(s) obra(s) específica(s) para a digitalização. Quem serão os seus consultentes reais e potenciais? Quais recursos - financeiros, humanos e materiais - serão necessários para que o processo ocorra sem falhas, a curto e longo prazo?

As Diretrizes orientam, a respeito da escolha das obras, que se leve em consideração os objetivos da instituição, suas funções e o público a que se destina a nova coleção digital. Em relação aos originais, recomenda-se que sejam avaliadas as suas condições físicas e, sempre que possível, selecionem-se os que estiverem em melhor estado de conservação. Salientam, ainda, que:

É sempre preferível a digitalização de uma entidade intelectual completa, em vez de parte dela. Portanto, é melhor a digitalização de um livro inteiro ou documento, em vez de um capítulo ou uma página. Digitalização de partes de objetos para uso imediato não é o objetivo das orientações deste documento. (IFLA, 2015, p.11)

Por conseguinte, a digitalização deve ser vista como forma de preservação do material e nunca como meio de descarte dos originais, como mostram Nardino e Caregnato (2005, p. 383):

Pretende-se, desta forma, contribuir para uma reflexão acerca da fragilidade da informação registrada em papel e da responsabilidade do bibliotecário em manter vivos esses registros. É importante destacar que a questão do documento eletrônico é aqui colocada como um novo suporte para o registro de informações, que surge não para substituir o livro impresso, mas para complementá-lo em suas limitações.

Com a digitalização, o livro ganha novas maneiras de acesso. Nardino e Caregnato (2005, p. 383) observam ainda que “Com as vantagens oferecidas pela biblioteca digital, a obra rara pode alçar voo da sala fechada e lançar-se no espaço virtual”. Salientam, também, que as bibliotecas digitais dão a oportunidade dessas obras raras terem maior durabilidade e visibilidade.

Em relação à manutenção dos livros originais, Reifschneider (2008) e Greenhalgh (2011) destacam que, para sua conservação, deverão ser manuseados somente quando houver a necessidade de estudar seus elementos constituintes, como o tipo de papel, a encadernação, as costuras utilizadas para unir os cadernos, os pigmentos utilizados nas tintas de impressão ou, ainda, as técnicas empregadas na estampagem de gravuras. Nas ocasiões em que o pesquisador está interessado no conteúdo em si, o documento digital substitui o original na consulta, eliminando a necessidade de acesso *in loco*.

Em pesquisa¹ recentemente realizada sobre os acervos raros pertencentes às universidades gaúchas, uma das questões levantadas buscou identificar os procedimentos de segurança que as instituições adotam para proteger seus acervos. A pergunta do questionário, de múltipla escolha, foi a seguinte:

“Em relação aos procedimentos de segurança, a coleção de obras raras:

- () Possui seguro contra sinistros.
- () Possui câmara(s) na sala/seção/prédio que abriga a coleção.
- () Possui dispositivo antifurto.
- () Realiza processos de digitalização e/ou microfilmagem.
- () Não realiza procedimentos de segurança.
- () Outro. Especifique.”

Das dezenove universidades localizadas no Estado do Rio Grande do Sul, doze afirmam possuir coleções de obras raras. Destas doze, apenas nove responderam à questão indicada. Nenhuma instituição, no entanto, relatou fazer uso de processo de digitalização e/ou microfilmagem de seus acervos. O Quadro 1 sintetiza as respostas obtidas.

¹ Pesquisa intitulada “Contexto, situação e perspectivas dos acervos bibliográficos raros pertencentes às bibliotecas universitárias gaúchas”, sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Marcia Carvalho Rodrigues.

PROCEDIMENTO	UNIVERSIDADE								
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Seguro contra sinistros			X						
Câmera(s) na sala/seção/prédio que abriga o acervo	X				X				X
Dispositivo(s) antifurto	X		X					X	X
Digitalização e/ou microfilmagem									
Não adota procedimentos de segurança		X				X	X		
Outro. Especifique.				X					

Quadro 1 - Procedimentos de segurança adotados pelas bibliotecas universitárias gaúchas

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Prevalece, nas bibliotecas universitárias gaúchas, o uso de dispositivo antifurto como principal recurso de segurança aos acervos, seguido de câmera(s) na sala/seção/prédio que abriga a coleção. Duas, das nove instituições respondentes, relataram não adotar nenhuma medida de segurança. Uma instituição possui seguro contra sinistros e uma relatou adotar outro tipo de procedimento, explicando que o acervo raro fica armazenado em sala fechada.

Obviamente, descobrir que duas instituições gaúchas mantenedoras de coleções de obras raras não fazem uso de nenhum dispositivo de segurança é, sem sombra de dúvida, a informação mais preocupante revelada com a pergunta realizada.

O último Encontro Nacional de Acervo Raro (ENAR), promovido pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), da Fundação Biblioteca Nacional, em novembro de 2018, teve como tema as políticas de segurança e salvaguarda de acervos raros e especiais. A escolha do tema não se deu por acaso. Notícias sobre roubos/furtos de obras raras em instituições brasileiras são frequentes:

Inventário feito pela instituição [Biblioteca Nacional] indica que 14 documentos foram furtados em 2004, representando um conjunto de 102 gravuras. Em 2005, ano da última ocorrência registrada, foram subtraídas 1.096 peças da iconografia, além de cerca de 500 cardápios e 300 rótulos. Também em 2004, a Biblioteca do Museu Nacional identificou o roubo de 51 obras: 12 delas foram furtadas e 39 mutiladas. Desses furtos, apenas nove obras acabaram recuperadas. Bibliotecas universitárias sofrem igualmente com esse tipo de crime. Dados de 2017 indicam que a Biblioteca Pedro Calmon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve 364 obras raras furtadas na última década. (LIMA, 2019, p. 87)

Em relação à pesquisa realizada, observa-se que, mesmo diante das demais possibilidades que constituíram as alternativas de resposta, o procedimento de segurança referente à digitalização e/ou microfilmagem dos acervos raros é imprescindível para evitar tanto o seu demasiado manuseio, quanto a exposição destas obras à ação de quadrilhas especializadas. Desta maneira, e ainda que as instituições de ensino adotem um ou mais dos demais procedimentos de segurança, não dispor de uma política de digitalização de obras raras incorre na possível redução do tempo de vida útil destes documentos, comprometendo a sua conservação, por ser necessário o contato direto dos pesquisadores com o exemplar em sua forma original,

bem como a exposição dos mesmos ao risco de roubo e/ou furto.

Nas seções seguintes, buscaremos fornecer um panorama do processo de digitalização de obras raras em suas diferentes etapas, levando em consideração as Diretrizes da IFLA.

Salienta-se, porém, que devido às especificidades apresentadas pelas obras raras, é necessária a elaboração de um manual de orientações contendo as decisões tomadas pelos profissionais responsáveis pelo processo de digitalização. Este documento apoiará a manutenção da qualidade do processo ao longo da sua execução e, também, servirá de fonte de consulta em eventos futuros.

3.1 Seleção das Obras Candidatas À Digitalização

A etapa inicial do projeto inclui a seleção do material a ser digitalizado. Greenhalgh (2011) destaca que tanto a missão da instituição quanto as necessidades do público a ser atendido são de suma importância para apoiar a tomada de decisão nesta etapa. Igualmente, enfatiza a necessidade de conhecer e respeitar a legislação sobre direitos autorais, tanto nacional quanto internacional, de forma a resguardar a instituição de possíveis infrações aos direitos de propriedade intelectual.

As Diretrizes da IFLA, são bastante claras ao recomendar que se “Planeje os projetos cuidadosamente e considere metas e objetivos, restrição a *copyright*, financiamento e capacidade institucional.” (IFLA, 2015, p. 23).

3.2 Avaliação do Estado de Conservação das Obras Selecionadas e Catalogação

Após selecionadas as obras que passarão pelo processo de digitalização, é necessária a realização de uma avaliação sobre as condições físicas dos exemplares. “Todos os documentos devem ser examinados no começo e no final do processo.” (IFLA, 2015, p. 13).

Igualmente, as decisões de catalogação deverão fazer parte do manual de orientações, incluindo as decisões sobre: o(s) conjunto(s) de regras adotado(s) para a descrição, o nível de detalhamento da descrição, o idioma utilizado no catálogo e a previsão de criação de metadados compatíveis com as especificidades exigidas por cada tipo de material.

Ademais, os registros bibliográficos anteriores à etapa de digitalização deverão ser atualizados, mantendo “um vínculo cruzado no registro do catálogo” (IFLA, 2015, p. 23), relacionando o exemplar em seu formato original com a sua cópia digital.

Além do catálogo principal contendo a descrição das obras no idioma oficial do país ou da instituição onde a coleção está localizada, pode-se, ainda, disponibilizar versões deste em outros idiomas, visando a uma ampliação da visibilidade do acervo.

É interessante, também, avaliar a possibilidade de criar um catálogo coletivo, onde cada instituição seria responsável pelo processo de digitalização do seu acervo,

disponibilizando o mesmo para acesso público por meio de uma interface única. Assim, as coleções digitais de diferentes instituições cooperantes estariam disponíveis em um único lugar, facilitando a pesquisa e o acesso aos documentos.

3.3 Procedendo À Digitalização

A digitalização propriamente dita, inicia-se com a escolha dos equipamentos adequados à captura digital. Para tanto, deverão ser levadas em consideração tanto a tipologia dos documentos que fazem parte da seleção quanto as demandas do projeto. Materiais diferentes exigem equipamentos de captura digital diferentes. Por exemplo: para a digitalização de uma coleção de mapas históricos, deverá ser avaliado o uso de escâner para documentos de grandes dimensões ou sistema de câmera aérea. Já para a digitalização de livros raros impressos, os escâneres de livros costumam atender às necessidades da coleção.

A preocupação com a qualidade da imagem digitalizada deve ser uma constante ao longo do processo: “Quanto mais alta a qualidade de imagem, maior uso o arquivo terá no futuro” (IFLA, 2015, p.14). Da mesma forma, para garantir um resultado homogêneo, é preciso seguir o mesmo procedimento em todos os documentos.

Forneça imagens de cor de alta-resolução que inclua informação técnica sobre as imagens, informação sobre *copyright*, uma escala e cartão de cor, capacidade de ampliação, e quando possível e adequado, a busca *full-text*, transcrições parciais ou completas do texto, e coordenadas geoespaciais. (IFLA, 2015, p. 23).

Igualmente, as Diretrizes salientam a importância de criar uma cópia digital fidedigna ao original:

Nos processos de digitalização de materiais raros e únicos é importante conservar e recriar, tanto quanto possível, o aspecto material do objeto original. [...] Por isso, é necessário fotografar páginas completas frente e verso (incluindo as margens) e ter o cuidado de não cortar imagens que possam se encontrar nas margens. Os volumes encadernados devem ser digitalizados capa a capa, incluindo as folhas de guarda, as folhas em branco e as encadernações (estas últimas com as pastas superior e inferior, a lombada, seixas e cortes – superior, inferior e lateral). Seja qual for o formato escolhido, a obra deve ser reproduzida integralmente. (IFLA, 2015, p. 14).

Estratégias de conservação da coleção digital deverão ser desenvolvidas a longo prazo, com a finalidade de mantê-la sempre atualizada. Os *softwares* e *hardwares* estão em constante evolução, portanto, rapidamente se tornam obsoletos. Ou seja, no processo de digitalização de obras raras, deve haver preocupação com a durabilidade do material gerado, criando um ambiente adequado para o seu armazenamento, prevendo métodos e tecnologias que assegurem a integridade e a acessibilidade da informação convertida para o formato digital. (GREENHALGH, 2011; MÁRDERO ARELLANO, 2008; IFLA, 2015).

A biblioteca deve manter sua coleção digital em alta resolução em servidores de rede regularmente atualizados e ter processos e sistemas necessários para

monitorar a integridade dos arquivos digitais ao longo do tempo. Armazenar cópias múltiplas em locais geograficamente diferentes também é uma estratégia válida de preservação. Deve haver um procedimento no local para avaliar regularmente a necessidade de migrar a coleção ou emular a funcionalidade do *software*. (IFLA, 2015, p. 22).

Diferentes técnicas poderão ser adotadas na preservação digital, de modo a driblar a obsolescência dos arquivos digitais gerados, buscando torná-los sempre acessíveis, mesmo com a constante evolução tecnológica. Entre as técnicas mais utilizadas estão a preservação de tecnologia, na qual tanto o *hardware* quanto o *software* utilizados durante o processo de digitalização são mantidos pela instituição; o refrescamento ou atualização, que realiza a transferência de informação de um suporte físico para outro mais atual; a emulação, que possibilita a imitação de sistemas operacionais obsoletos, criando condições próximas às que o documento digital foi criado; o encapsulamento, no qual se mantém, junto ao arquivo original, todas as informações e programas necessários para criar o ambiente de origem; e a migração, que consiste na transferência periódica de documentos digitais de uma configuração de *hardware* e/ou *software* para outra mais recente.

As técnicas elencadas são soluções que não asseguram totalmente a recuperação desses dados, mas que aumentam a possibilidade de abertura desses arquivos a longo prazo. Além destas, outras podem ser usadas isoladamente ou em conjunto, de acordo com a necessidade da instituição. (CUNHA; LIMA, 2007; MÁRDERO ARELLANO, 2008; DIAS; WEBER, 2013).

Nascimento et al. (2006) sugerem, ainda, a criação de diferentes interfaces de apresentação dos documentos digitais, a fim de alcançar diferentes públicos:

Ao iniciar o desenvolvimento e planejamento do processo de digitalização, é importantíssimo que você conheça o seu público alvo. Esta informação influenciará muitas de suas decisões, tais como: os itens que serão digitalizados, a tecnologia que será utilizada, os mecanismos para acesso, e a forma de apresentação do material para os usuários. Por exemplo, você poderá descobrir que tem materiais que interessam tanto a estudantes de agronomia quanto a pequenos produtores agrícolas, mas que cada um desses públicos requer um tratamento diferenciado da interface de apresentação do material. (NASCIMENTO et al., 2006, p. 13)

Além das questões relacionadas à segurança e preservação do documento digital gerado e visando à preservação das coleções digitais a longo prazo, as Diretrizes apontam a necessidade de elaborar estratégias de preservação dos metadados, utilizando identificadores permanentes para o material digitalizado. “Identificadores persistentes ou permanentes são recursos digitais que permanecem independentemente da localização do objeto digital, isto é, mesmo que se mude a URL” (DIAS; WEBER, 2013, p. 10).

3.4 Disseminação E Divulgação da Coleção Digital

A nova coleção digital de obras raras deve ser disseminada e divulgada. As Diretrizes recomendam que sejam criados, no próprio catálogo, vínculos relacionando

as obras digitalizadas.

“Uma maneira de aumentar acesso e visibilidade é através de portais e outros agregadores, os quais podem ser em âmbito internacional, nacional ou por temas específico.” (IFLA, 2015, p. 20), como já vem ocorrendo nos projetos Europeana², Internet Archive³ e Biblioteca Digital Mundial⁴, por exemplo.

Além disso, as Diretrizes recomendam que as instituições proporcionem acesso livre e mundial aos documentos digitais, tornando disponível ao público a possibilidade de realizar *download* dos itens digitalizados, bem como “[...] às coleções e metadados, a fim de que sejam facilmente agregados, usados e importados para dentro de plataformas de pesquisa e publicações digitais.” (IFLA, 2015, p. 23).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, destacar a importância dos acervos raros enquanto patrimônio cultural a ser preservado. Para além do fato de serem registros da memória, são objetos, artefatos culturais, e como tanto, merecem tratamento diferenciado, especial. Assim, buscamos discutir a importância da digitalização para a preservação desta relevante parcela da memória coletiva e do patrimônio cultural da humanidade.

Como se pôde observar ao longo da revisão teórica, há necessidade de fomento à digitalização como alternativa à preservação das obras raras. Os resultados revelados pela pesquisa “Contexto, situação e perspectivas dos acervos bibliográficos raros pertencentes às bibliotecas universitárias gaúchas” trazem uma amostra do que ocorre Brasil afora.

Obviamente, não se pode esquecer a questão dos custos envolvidos em um projeto de digitalização (nada baixos), além de fatores desfavoráveis apontados pelas próprias Diretrizes da IFLA, como a necessidade de capacitação de pessoal, a escolha da tecnologia a ser utilizada e a sua manutenção a longo prazo e os direitos de propriedade intelectual.

Da mesma forma, ao criar uma coleção digital de obras raras, dobra-se a responsabilidade da instituição sobre a preservação da coleção de obras raras: agora são duas coleções de obras raras, a original e a digital. Ambas apresentam particularidades em relação à adoção de métodos e técnicas de preservação, exigindo

2 Disponível em: <https://www.europeana.eu>. Biblioteca virtual desenvolvida por iniciativa dos países pertencentes à União Europeia. Visa tornar acessível o patrimônio cultural de todos os acervos nacionais do continente Europeu. (EUROPEANA, [2019]).

3 Disponível em: <https://archive.org>. Instituição sem fins lucrativos fundada em 1996, em São Francisco/CA. Objetiva oferecer acesso permanente a coleções históricas em formato digital. (INTERNET ARCHIVE, [2019]).

4 Disponível em: <https://www.wdl.org/pt>. Fruto da colaboração entre a *Library of Congress*, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e parceiros por todo o mundo (incluindo a Biblioteca Nacional brasileira). “Os objetivos da Biblioteca Digital Mundial consistem em promover o entendimento e a consciência internacional e intercultural, ampliar o conteúdo multilíngüístico e culturalmente variado na Internet, proporcionar recursos para educadores, contribuir para a pesquisa acadêmica, e fortalecer conhecimentos e habilidades no mundo em desenvolvimento a fim de diminuir a ‘exclusão digital’.” (BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL, [2009], Art. 1, Seção 1.01).

ações e cuidados específicos.

Independente das dificuldades assinaladas, a criação de cópias digitais de obras raras contribui, efetivamente, para a preservação do acervo em seu formato original. A conservação física dos materiais está entre as atividades fundamentais do setor de digitalização, além da promoção do acesso, que é um dos principais objetivos de qualquer biblioteca.

Uma coleção digital de obras raras pode atingir um novo público, diferente daquele alcançado pela coleção original. Materiais que muitas vezes se encontravam sem uso ou procura são disseminados, tornando possível sua consulta, independentemente de tempo ou lugar, propiciando novas abordagens de pesquisa e facilitando o trabalho de investigadores.

As obras raras exigem manuseio cuidadoso, realizado por pessoal capacitado, em ambiente controlado e em condições adequadas. Para a conservação do acervo na hora da digitalização, Gauz (2009) aponta a possibilidade de cooperação entre instituições como alternativa para evitar a duplicação de esforços, de documentos digitalizados disponíveis na *web* e de verbas, já que as instituições, muitas vezes, possuem exemplares similares.

Da mesma forma, para preservar o acervo em formato digital, deve-se levar em conta a fragilidade do suporte onde o arquivo está armazenado, tomando assim, a decisão mais acertada de acordo com a realidade da instituição e de seus recursos, tendo em vista que os arquivos deverão ser acessados por um longo período de tempo.

Enfim, digitalizar o acervo raro contribui, efetivamente, para a preservação do mesmo, facilitando o acesso ao seu conteúdo, sem diminuir o tempo de vida útil das obras. Esse acesso, possibilitado por meio da digitalização, é um dos objetivos finais de qualquer unidade de informação, para que ela cumpra, de forma democrática e plena, a sua missão.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. Convênio da Biblioteca Digital Mundial. [S.l.], [2009]. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5ufakqn>. Acesso em: 12 fev. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **Recomendações para a digitalização de documentos arquivísticos permanentes**. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3w6r38z>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

CUNHA, J. A.; LIMA, M. G. Preservação digital: o estado da arte. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxsluzze>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DIAS, R. C.; WEBER, C. Preservação digital: uma proposta para bibliotecas universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA

INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, SC. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2013. Disponível em: <http://tinyurl.com/y6e7j838>. Acesso em: 14 jan. 2019.

EUROPEANA. **Bem-vindo à Europeana Collections**. Hague, [2019]. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxmfbf8q>. Acesso em: 12 fev. 2019.

FROES, R. C. **Obras raras no Brasil**: estudo dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação das coleções. 1995. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Mestrado em Ciência da Informação, Belo Horizonte, 1995. Disponível em: <https://goo.gl/FaMnJv>. Acesso em: 09 fev. 2019.

GAUZ, V. Digitalização cooperativa de acervo raro: mais que uma alternativa, solução. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – CBBBD, 23., 2009, Bonito. **Anais...** Bonito: [s. n.], 2009. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6lzafxr>. Acesso em: 09 fev. 2019.

GREENHALGH, R. D. Digitalização de obras raras: algumas considerações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 159-167, maio 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxp6hln5>. Acesso em: 13 nov. 2018.

IFLA. Seção de Livros Raros e Coleções Especiais. **Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais**. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4nqglrc>. Acesso em: 13 nov. 2018.

INTERNET ARCHIVE. **About the Internet Archive**. San Francisco, [2019]. Disponível em: <https://tinyurl.com/jp86pjd>. Acesso em: 12 fev. 2019.

LEONI, G. D. Os livros raros. **Boletim Bibliográfico e Informativo da Biblioteca Pública**, Salvador, v. 2, n. 12, p. 5-12, abr. 1960.

LIMA, V. F. Tesouros na prateleira. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 276, p. 85-87, fev. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxz6pnm3>. Acesso em: 12 fev. 2019.

MÁRDERO ARELLANO, M. A. **Critérios para a preservação digital da informação científica**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Brasília, 2008. Disponível em: <http://tinyurl.com/yyq588e3>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MORAES, R. B. **O bibliófilo aprendiz**: prosa de um velho colecionador para ser lido por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

NARDINO, A. T. D.; CAREGNATO, S. E. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyzntyk5>. Acesso em: 13 nov. 2018.

NASCIMENTO, A. C. A. A. et al. **Guia para digitalização de documentos**: versão 2.0. Brasília: EMBRAPA, 2006. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5ovd8xg>. Acesso em: 01 maio 2018.

PINHEIRO, A. V. **Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica**. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. A importância do acesso às obras raras. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2b8grwy>. Acesso em: 13 nov. 2018.

RODRIGUES, M. C. Como definir e identificar obras raras: critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5uqqvvc>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SANT'ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. **Bibl. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5ce8ofj>. Acesso em: 01 maio 2018.

TEIXEIRA, H. D.; GARCIA, N. M.; RODRIGUES, M. C. Critérios de raridade bibliográfica: problemas, metodologias e aplicações. **Biblos**: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 32, n. 1, p. 134-145, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3ugewmc>. Acesso em: 12 jan. 2019.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-423-8



9 788572 474238